



TRADUÇÃO

NORBERT ELIAS: VERBETE “CIVILIZAÇÃO” [“ZIVILISATION”] PARA UM LÉXICO DE SOCIOLOGIA

*Tradução de Leopoldo Waizbort**

Norbert Elias: verbete “civilização” [“Zivilisation”] para um léxico de sociologia. In: Schäfer, Bernhard (Hrsg.). *Grundbegriffe der Soziologie*. Opladen, Leske + Budrich, 1986, pp. 382-387.**

Nota: Norbert Elias escreveu três verbetes para o supramencionado léxico de conceitos sociológicos: “civilização”, “figuração” e “processo social”, como que para indicar que se trataria dos três conceitos fundamentais de sua concepção da “sociologia” e do “social”. O texto a seguir é a versão integral do verbete “civilização”.

Os homens não são civilizados por natureza, mas possuem por natureza uma disposição [*Anlage*] que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização [*Zivilisierung*], portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada. (É decerto desnecessário, mas talvez útil, dizer que Sigmund e Anna Freud são os pais do conceito dos impulsos pulsionais humanos moldáveis [*bildsam*], capazes de sublimação.) O fato de que processos de civilização não

* Professor doutor do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.

** Agradeço a Federico Neiburg, que tornou o texto de Elias acessível para mim.



seriam possíveis sem um potencial de civilização biológico que os antecede é facilmente esquecido. Dado que os homens, diferentemente de muitos outros seres vivos sociais, não possuem uma regulação nativa dos afetos e pulsões, eles não podem prescindir da mobilização de sua disposição natural rumo à auto-regulação mediante o aprendizado pessoal dos controles dos afetos e pulsões, no sentido de um modelo de civilização específico à sociedade, a fim de que possam viver consigo mesmos e com os outros homens. O processo universal de civilização individual pertence tanto às condições da *individualização* do ser humano singular, como às condições da vida social em comum dos homens. No uso cotidiano da linguagem, o conceito de civilização é, muitas vezes, despido de seu caráter originalmente processual (enquanto derivação do equivalente francês “civilizar”). Contudo, para realmente pesquisar o processo da civilização é necessário saber a quais elementos comuns não-variáveis, assim como a quais elementos diversos variáveis dos homens, o conceito de civilização se refere. A coação social à *autocooção* e a apreensão de uma auto-regulação individual, no sentido de modelos sociais e variáveis de civilização, são *universais sociais*. Encontramos uma transformação [*Umsetzung*] das coações exteriores [*Fremdzwängen*] em autocooções [*Selbstzwänge*] em todas as sociedades humanas. Contudo, embora as coações exteriores — sejam de tipo natural, sejam de tipo social — sejam indispensáveis para o desenvolvimento das autocooções individuais, nem todos os tipos de *coação exterior* são apropriados para produzir o desenvolvimento de instâncias individuais de autocooção e muito menos para fomentá-las em massa, portanto sem afetar a capacidade individual de satisfação [*Freude*] dos afetos e pulsões. Assim, p. ex., a coação exterior na forma da violência física é menos indicada para a formação de instâncias constantes de autocontrole do que a persuasão paciente; coações exteriores que frequentemente oscilam entre a ameaça violenta e a demonstração calorosa de amor são menos indicadas do que coações exteriores constantes que dão uma base de segurança de calor afetivo.



Se se contempla o desenvolvimento da humanidade, então se depara com um amplo processo da civilização humana. Esse processo, em constante embate com contraprocessos descivilizadores, permanece até agora — portanto desde a Idade da Pedra até nossos dias — dominante. Não há nenhum motivo para supor que ele deva permanecer dominante. Um de seus aspectos é o enorme crescimento das unidades humanas de sobrevivência. De pequenos grupos de parentes, que muitas vezes viviam em cavernas e talvez não compreendessem mais do que cinquenta ou sessenta pessoas, resultaram com o curso do tempo Estados nacionais, que compreendem muitos milhões de pessoas. A ascensão a uma maior ordem de grandeza das unidades de sobrevivência, que trouxe consigo vantagens a longo prazo nas suas lutas de segregação, exigiu a cada vez o aflorar de uma nova *figuração*, internamente mais ou menos pacificada (p. ex., da aldeia para a cidade, da tribo para o Estado), de um novo modelo de reserva e distanciamento, de um novo modelo de civilização. O deslocamento progressivo dos equilíbrios de poder nesta terra em favor dos homens, em relação com a natureza não-humana, atuou no mesmo sentido. Ele conduziu a uma diminuição dos perigos do lado da natureza não-humana e exigiu uma contenção mais constante dos homens. Simplificando, pode-se dizer: quanto mais alto o nível de periculosidade, tanto mais baixo o nível permanente da civilização.

Inseparáveis do processo de civilização humana, mas distintos no plano do pensamento, são os processos especiais de civilização que — de tribo para tribo, de nação para nação, em suma, de unidade de sobrevivência para unidade de sobrevivência — diferem em relação às peculiaridades do seu destino social. Analogamente, o desenvolvimento [*Werdegang*] dos processos especiais de civilização, e assim também de cada configuração [*Gestalt*] dos modelos de civilização, é variado. Estes últimos encontram uma de suas expressões mais prementes no *habitus social* comum dos indivíduos que formam entre si uma determinada unidade de sobrevivência, como p. ex. uma tribo ou um Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de



um modelo específico de civilização e, portanto, de formas específicas de auto-regulação, que eles absorvem mediante o aprendizado como uma linguagem comum e nas quais, então, eles se encontram no caráter comum do *habitus* social, da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou de um Estado. O conceito de *caráter nacional* refere-se a isso. Ele pode ter valia como instrumento de pesquisa no âmbito da teoria da civilização.

Dentre os elementos comuns a todos os processos de civilização, assim como a todos os processos de descivilização, destaca-se o seu direcionamento. Aqui bastará uma seleção dos critérios para o direcionamento. Em uma investigação de longo prazo descobre-se que o equilíbrio entre coações exteriores e autocoações — e com isso também o equilíbrio entre as autocoações e coações das pulsões e o tipo de encaixe [*Einbau*] individual das coações no curso do processo da civilização humana — se transforma no sentido de uma direção específica. Em estágios iniciais de desenvolvimento, portanto em estágios representados por tribos e outras unidades de sobrevivência pré-estatais, as instâncias de autocoação são habitualmente mais permeáveis às pulsões, inconstantes, débeis, lábeis e menos autônomas. Elas necessitam de apoio e reforço constante por meio de coações exteriores. Dentre essas coações exteriores contam-se, nesses estágios, não apenas as coações reais, tais como as forças da natureza [*Naturgewalten*] ou os outros membros do grupo e os grupos de inimigos, mas também, muito especialmente, as coações da imaginação coletiva, na forma de espíritos e dos respectivos mitos. Dentre as suas funções está a assistência e o reforço constantes das instâncias pessoais de autocoação, relativamente mais frágeis. Os deuses possuem, nesse estágio, funções que, em estágios posteriores, são preenchidas em grande medida pela consciência e o entendimento individuais. Em conexão com o oscilante nível social de periculosidade, os contraprocessos tornam-se freqüentemente dominantes. Mas, apesar disso, até agora o processo da civilização permanece dominante. A própria imagem dos deuses e deusas transformou-se no sentido desse processo dominante da civilização humana. Em correspon-



dência com sua função enquanto suportes de uma auto-regulação relativamente débil, eles nunca perderam o caráter de seres causadores de temor. Mas ao mesmo tempo eles se civilizaram. A progressiva *civilização dos deuses* é, de fato, uma das comprovações mais expressivas para a civilização a longo prazo dos homens. Ela indica a sua direção. Nas épocas iniciais os deuses eram habitualmente mais apaixonados, selvagens, instáveis. Hoje amigáveis e cheios de bem-querer, amanhã cruéis, cheios de ódio e tão destruidores como os homens muito poderosos e as forças indômitas da natureza. Então reduziram-se progressivamente as oscilações. Assim como as oscilações incontroláveis das forças da natureza — boas colheitas, más colheitas — e os perigos diminuíram nesse domínio, também os deuses tornaram-se, na cabeça dos homens, mais constantes, menos apaixonados e mais estáveis; eles surgiam então, freqüentemente, como justos, até morais, e até mesmo como figuras sempre amáveis e bondosas, sem perder inteiramente, como disse, sua temeridade.

A diminuição das oscilações de um extremo a outro na imagem dos deuses é indicadora da direção de um processo de civilização. Sua estrutura foi freqüentemente incompreendida, enquanto transformação na direção de um reforço ou incremento dos autocontroles. Certamente o reforço em massa é um dos critérios para o direcionamento das transformações civilizatórias. Mas a investigação empírica mais exata de um processo de civilização especial já realizada — e o modelo teórico que foi desenvolvido nesse contexto —, a investigação do processo de civilização que se consumou antes da Revolução Francesa nos estratos superiores europeus leigos [*weltlich*, também “mundanos”] (N. Elias. *Über den Prozess der Zivilisation*, 2 vols., 1939/1982), resultou em uma imagem bem mais diferenciada do direcionamento das transformações civilizatórias. Mostrou-se que o incremento da intensidade dos autocontroles não pode servir, sozinho, como critério para o direcionamento de um processo de civilização. Formas extremamente intensas de autocontrole são encontradas, freqüentemente, em estágios relativamente primevos do processo de civilização (p.



ex., nos indígenas, ao suportarem em silêncio torturas pesadas; nas pesadas formas de automortificação na Idade Média). Contudo, em estágios primeiros autoações extremamente intensas, por um lado, andam freqüentemente de mãos dadas com a capacidade de uma liberdade [*Ausleben*] extremamente descontrolada de impulsos afetivos e pulsionais ou com coações extremamente intensas, e talvez brutais, em relação a outros seres humanos. Como um apanhado algo sumário do que se apurou até aqui na investigação empírico-teórica das transformações civilizatórias acerca de seu direcionamento, pode-se dizer que dentre os principais critérios para um processo de civilização estão as transformações do *habitus* social dos homens na direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, mais universal e mais estável. Sem nunca se libertar completamente de coações exteriores, os autocontroles ganham no curso do processo humano de civilização maior autonomia, em contraposição às coações exteriores. A simetria da autorregulação na relação com todos os homens e em quase todas as situações da vida cresce. Muitos elementos indicam que, no curso de tal processo, a capacidade (até agora muito pouco investigada) de transformação sublimatória de impulsos de comportamento mais animalescos, pênhas de pulsões, aumenta. Em conexão com a crescente autonomização das instâncias individuais de autorregulação — das quais fazem parte o entendimento e a consciência, o ego e o superego —, amplia-se também manifestamente o alcance da capacidade de um ser humano em se identificar com outros homens, em relativa independência do grupo a que pertençam, e portanto amplia-se também a sua capacidade de sentir simpatia por eles. *Descivilização* significa então uma transformação em direção oposta, uma diminuição do alcance da simpatia. Atualmente, o fato de que em muitas sociedades a idéia de que lutas de gladiadores ou execuções públicas possam causar alegria desperte antes sensações negativas é seguramente um sintoma significativo de uma transformação civilizatória.